

O MUSEU VIVO DA CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE CAMPINA GRANDE: ANOS DOURADOS

Kalinka Walderea Almeida Meira ¹

RESUMO

Esse texto é parte da pesquisa em desenvolvimento, “O Museu Vivo da Ciência e Tecnologia Lynaldo Cavalcanti: Experiências e Contribuições à Formação de Professores de Física” em que, utilizando a metodologia de História oral (Meihy, 2005), apresentamos em forma de monólogos, 20 entrevistas com ex-monitores - licenciandos em Física - e ex-coordenadores, que contribuíram com atividades na área de Física no Museu Vivo entre 1992 a 2022. Esses monólogos expõem características, memórias, sentimentos e experiências de importantes protagonistas que participaram e ajudaram a construir a história do Museu Vivo. Além dos monólogos, a pesquisa apresenta uma versão histórica do Museu Vivo produzida a partir dos monólogos, fotografias, falas informais, depoimentos em redes sociais, relatórios, leis e percepções dos pesquisadores durante visitas ao Museu. Esse estudo nos serviu para conhecer e destacar tanto os monitores e coordenadores quanto a rica contribuição educacional e formativa oportunizada pelo Museu Vivo à sociedade. Entretanto, devido ao limitado espaço, objetivamos aqui apresentar parte da versão histórica do Museu para compreendermos sua constituição e funcionamento, além de ampliar a discussão da importância dos Museus e Centros de Ciências na construção da cidadania. Mas, por que pesquisar o Museu Vivo? Porque essa instituição serviu de intercâmbio científico e cultural importante; contribuiu para a interação de conhecimentos acadêmicos com saberes e práticas sociais; realizou formação continuada de professores; proporcionou possibilidades formativas à licenciandos; foi um ambiente de observação e de coleta de dados para pesquisas.

Palavras-chave: Educação Não Formal; Museus e Centros de Ciências; História Oral.

INTRODUÇÃO

Este texto integra uma pesquisa em andamento intitulada *O Museu Vivo da Ciência e Tecnologia Lynaldo Cavalcanti: experiências e contribuições para a formação de professores de Física*, realizada com abordagem de História Oral (Meihy, 2005). A investigação organizou em forma de monólogos vinte entrevistas com ex-monitores — licenciandos em Física — e ex-coordenadores que atuaram em atividades relacionadas à Física no Museu Vivo entre 1992 e 2022. Esses relatos revelam memórias, trajetórias, e práticas dos colaboradores, agentes centrais na história do Museu, contribuindo para a composição de uma narrativa coletiva.

Além dos monólogos, a pesquisa reuniu fotografias, depoimentos publicados em redes sociais, relatórios institucionais, legislação e observações de campo realizadas

¹ Doutorando em Ensino de Ciências e Educação Matemática da Universidade Estadual da Paraíba - UEPB, kalinkawaldereameira@gmail.com;



durante visitas ao espaço, a partir dos quais foi construída uma versão histórica da instituição. O estudo permitiu identificar e valorizar tanto o papel formativo desempenhado pelos monitores e coordenadores quanto as contribuições educacionais mais amplas que o Museu ofereceu à comunidade.

Em função do limite de espaço desta submissão, apresentamos aqui um recorte dessa versão histórica que permite compreender a constituição e o funcionamento do Museu, ao mesmo tempo em que amplia a reflexão sobre a relevância de museus e centros de ciência na formação cidadã e no fortalecimento da educação científica.

Pesquisa-se o Museu Vivo porque ele funcionou como importante espaço de intercâmbio científico e cultural: articulou saberes acadêmicos e práticas sociais, promoveu formação continuada de professores, ofereceu oportunidades formativas aos licenciandos, e serviu como campo de observação e coleta para estudos. Acima de tudo, este trabalho nasce do desejo de que a trajetória do Museu seja reconhecida — em vez de ser esquecida ou negligenciada — e de que sua importância educativa volte a ser valorizada.

O Museu Vivo da Ciência e Tecnologia de Campina Grande – Lynaldo Cavalcanti

As iniciativas que deram origem ao projeto do Museu Vivo tiveram início em 1989, fruto da articulação entre docentes da Universidade Federal da Paraíba, técnicos da Fundação Parque Tecnológico da Paraíba e representantes da Prefeitura de Campina Grande. O espaço do Museu foi inaugurado em setembro de 1992 e aberto ao público em outubro do mesmo ano, por ocasião do aniversário de Campina Grande. A formalização institucional ocorreu em dezembro de 1992, quando a Prefeitura municipal instituiu, por meio da Lei Municipal nº 2.562, o Complexo de Capacitação Educacional e o Museu Vivo da Ciência e Tecnologia de Campina Grande (Campina Grande-PB, 1992).

Instalados na Rua Santa Clara, s/n, em Campina Grande (PB), os espaços ocupam uma área de aproximadamente 7.660 m². O primeiro conjunto arquitetônico do Museu compreendia a Nave da Ciência — que incorporou a antiga Boate Discovery após intervenções e adaptações — e o Parque da Ciência. Parte das atividades era desenvolvida no Centro de Capacitação de Professores, cuja vocação educativa era convergente com a do Museu. No Centro funcionavam a Sala de Recursos Audiovisuais, destinada à popularização da ciência e à formação docente municipal; a Sala de Ciências, onde se guardavam os kits da Experimentoteca; e a Sala de Manutenção de Equipamentos.

A Nave da Ciência incluía três setores: dois internos (um auditório climatizado e uma sala na área superior) e um espaço externo destinado ao acervo expositivo e às ações



educativas. O Parque da Ciência, concebido a partir de referências como o projeto do MASP, era composto por “brinquedos” científicos — estruturas lúdicas semelhantes às encontradas em parques infantis — distribuídos em uma área ao ar livre de cerca de 2.500 m², com a finalidade de possibilitar às crianças a vivência prática de conceitos científicos (Araújo Filho, 1991, p. 16).

Antecedendo a abertura oficial, as primeiras iniciativas educativas vinculadas ao Museu derivaram do projeto Experimentoteca, desenvolvido pelo Centro de Divulgação Científica e Cultural da Universidade de São Paulo (CDCC/USP). Quando em 1990, o professor Dietrich Schiel (CDCC/USP) foi convidado pela Prefeitura de Campina Grande para implementar a proposta localmente, desencadeando um processo de formação de acervo experimental e de ações de divulgação científica que subsidiaram a criação do Museu Vivo.

Em 1999, o Museu recebeu 36 novos dispositivos interativos adquiridos por meio da Fundação Parque Tecnológico da Paraíba, ampliando o acervo existente e fortalecendo o propósito de despertar a curiosidade e o interesse pela observação científica. Esses equipamentos foram viabilizados com recursos da Fundação VITAE.

Entre 2002 e 2004, estabeleceu-se uma cooperação entre a Prefeitura Municipal de Campina Grande e a Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) com o intuito de expandir as atividades do Museu (Germano; Alves, 2008, p. 227). Nesse contexto, em 2003, dez estudantes do curso de Licenciatura em Física da UEPB iniciaram estágios supervisionados, sob orientação docente, desenvolvendo tarefas de manutenção e reparo dos experimentos, elaboração de manuais explicativos, recepção de grupos escolares, além de participarem de oficinas e formações voltadas a professores. Contudo, a irregularidade no pagamento das bolsas e questões pessoais resultaram no desligamento gradual dos monitores, culminando na interrupção completa das atividades em setembro de 2004.

A colaboração entre a UEPB e o Museu foi retomada apenas em dezembro de 2006, com o lançamento do projeto “Exposições Itinerantes de Ciências e Tecnologia: Uma Experiência no Interior Paraibano”, que posteriormente passou a ser denominado “Ciência e Arte na Feira”. Entre 2007 e 2009, o projeto promoveu diversas ações, como mostras itinerantes, apresentações teatrais, palestras e sessões de observação astronômica (Germano; Alves, 2008; Santos; Germano, 2020).

Além disso, em 2004, o Museu passou a sediar o programa “ABC na Educação Científica: Mão na Massa”, desenvolvido pelo CDCC/USP, voltado à formação



continuada de professores e à disseminação de práticas de ensino baseadas na experimentação. No âmbito do Museu, o projeto foi desenvolvido com a participação de estudantes de licenciatura da UEPB, que, após receberem formação específica, passaram a atuar como multiplicadores da metodologia junto aos docentes da Rede Municipal de Ensino de Campina Grande. Na fase inicial, participaram da capacitação professores de três escolas distintas (Araújo, 2004); posteriormente, na segunda etapa, o número de participantes ampliou-se para 40 professores provenientes de cinco instituições (Schwartzman; Christophe, 2009, p. 72)

Além das iniciativas já citadas, o Museu também promovia uma variedade de ações voltadas à divulgação científica, como cursos, oficinas, palestras e exposições, realizadas tanto em suas instalações quanto em espaços externos. Ao disponibilizar o empréstimo dos kits da Experimentoteca e do Mão na Massa para as escolas, organizar mostras do acervo em locais públicos e oferecer oportunidades de estágio para licenciandos, o Museu desempenhava um papel essencial no incentivo à investigação científica. Essas ações fortaleciam o elo entre universidade, escola e comunidade, contribuindo para a formação inicial e continuada de professores e para a popularização da ciência. Apesar dos impactos positivos dessas atividades, a principal limitação enfrentada para sua continuidade era a insuficiência de recursos financeiros destinados à manutenção do Museu.

Em 31 de maio de 2011, o Museu Vivo foi reinaugurado, passando a se chamar Museu Vivo da Ciência e Tecnologia – Lynaldo Cavalcanti. A nova sede, erguida no mesmo local onde anteriormente funcionava a Nave da Ciência, passou a ocupar uma área de cerca de 2.120 m², representando uma significativa ampliação da infraestrutura disponível para ações de educação e divulgação científica.

As dependências do Museu Vivo passaram por um amplo processo de reforma e ampliação, resultado de um investimento superior a dois milhões de reais destinados à modernização da infraestrutura e à aquisição de novos equipamentos (CAMPINA GRANDE (PB), 2011).

Nos primeiros anos após a reabertura, o espaço expositivo e educativo do Museu era distribuído em dois pavimentos. No andar térreo, localizavam-se o Espaço Energia, mantido pela Energisa Borborema Distribuidora de Energia S/A — em funcionamento entre 2011 e o início de 2015 —, além do Laboratório de Química, da Sala de Ciências e do Salão Principal, com área aproximada de 420 m². Este último abrigava feiras de



ciências, mostras, eventos de caráter socioeducativo, bem como exposições permanentes do Girotec e do acervo de Paleontologia.

No piso superior, encontrava-se o Laboratório de Matemática vinculado à Universidade Aberta do Brasil (UAB/UFPB), além dos Laboratórios de Física, que incluíam o Corredor de Espelhos, o Simulador de Terremotos e diversos equipamentos interativos relacionados às áreas de Mecânica, Eletromagnetismo, Óptica e Física Moderna.

Também nesse pavimento situava-se a Ecoteca, uma iniciativa da Secretaria de Ciência, Tecnologia e Inovação (SECTI) em parceria com a Secretaria de Serviços Urbanos e Meio Ambiente (SESUMA). Nesse espaço eram desenvolvidas ações voltadas à Educação Ambiental e ao programa de Coleta de Lixo Eletrônico, reforçando o compromisso do Museu com a sustentabilidade e a conscientização ambiental.

Entretanto, no início de 2015, o Espaço Energia encerrou suas atividades no Museu Vivo, o que representou uma perda expressiva tanto para a comunidade local quanto para as instituições de ensino que utilizavam o espaço como apoio às práticas experimentais e demonstrativas. Essa descontinuidade impactou diretamente o público atendido, especialmente as escolas que dependiam do transporte e do suporte pedagógico oferecido pelo projeto. A ausência do Espaço Energia refletiu-se de forma clara na diminuição do número de visitantes ao Museu Vivo, evidenciando sua relevância para a dinâmica educativa e para a atração de público.

Entre agosto de 2011 e o início de 2017, a Prefeitura Municipal de Campina Grande manteve um convênio de cooperação técnica e financeira com a Escola Técnica Redentorista (ETER). Essa parceria possibilitou que os estudantes dos cursos técnicos da instituição realizassem estágios supervisionados no Museu Vivo (Melo, 2011; ETER, 2011). Vale destacar que, mesmo antes da formalização desse acordo, a ETER já desenvolvia diversas ações conjuntas com o Museu desde 1992, demonstrando uma colaboração de longa data. Infelizmente, após 43 anos de atuação, a Escola anunciou, em novembro de 2018, o encerramento de suas atividades educacionais em razão de dificuldades financeiras (Globo Play, 2018).

Em abril de 2015, foi estabelecida uma nova parceria entre a UEPB e o Museu Vivo, dando início à primeira etapa do Programa de Apoio à Formação e ao Ensino do Município de Campina Grande (PROAFE). O Museu cedeu seu espaço físico e equipamentos para a realização das atividades, enquanto professores da UEPB atuavam como coordenadores de área, responsáveis pela seleção, orientação e supervisão dos



licenciandos dos cursos de Física, Química, Ciências Biológicas e Matemática, que desenvolviam as intervenções experimentais. Além disso, esses docentes contribuíam na organização e oferta de minicursos e oficinas voltados à formação docente e à popularização da ciência.

Entre 2015 e 2019, o PROAFE atendeu 17 escolas públicas municipais, ampliando o alcance das ações de ensino e extensão. No entanto, divergências administrativas e as condições inadequadas do espaço físico do Museu levaram o programa a ser transferido para escolas da rede municipal, interrompendo a colaboração direta com o Museu Vivo.

Diversos estudos apontam que espaços de educação não formal têm papel fundamental na promoção do interesse científico, despertando curiosidade, estimulando a experimentação e complementando o currículo escolar, além de contribuírem para a formação inicial e continuada de professores (Bélanger; Meunier, 2011, 2012; Carvalho, 2009; Cazelli, 2005; Figueira, 2019; Marandino, 2014, 2015; Pugliese, 2015; Ovigli, 2009, 2013). Todavia, a manutenção e o fortalecimento desses espaços ainda enfrentam grandes desafios, principalmente pela falta de interesse e apoio contínuo do poder público.

Apesar do reconhecimento e dos resultados positivos alcançados, o Museu Vivo historicamente enfrenta dificuldades estruturais e financeiras, como a carência de profissionais para coordenar e executar as atividades, a limitação de recursos para manutenção do acervo e da infraestrutura, e a irregularidade no pagamento das bolsas destinadas aos monitores. Esses fatores infelizmente comprometeram a continuidade e o funcionamento das ações de educação e divulgação científica desenvolvidas nas instalações no Museu Vivo.

METODOLOGIA

Nesta pesquisa de caráter qualitativo, adotou-se a metodologia da história oral como abordagem principal. Seguindo as orientações de Meihy e Ribeiro (2011), foi realizado um planejamento criterioso do corpus documental, que serviu de base teórica e empírica para todas as etapas do estudo — pré-entrevista, entrevista e pós-entrevista.

Foram conduzidas entrevistas semiestruturadas com dezesseis ex-monitores, todos licenciandos em Física, e quatro ex-coordenadores que atuaram no Museu Vivo da Ciência e Tecnologia de Campina Grande, colaborando em atividades educativas entre 1992 e 2022.



Atendendo à preferência dos participantes, as entrevistas foram realizadas predominantemente de forma virtual, por meio da plataforma Google Meet, sendo apenas uma delas conduzida presencialmente. Todas as conversas foram gravadas em áudio e vídeo com o auxílio do Open Broadcaster Studio, e posteriormente transcritas e textualizadas, mediante autorização prévia e revisão dos próprios entrevistados.

As narrativas resultantes desse processo serão apresentadas no trabalho original que deu origem a este artigo, juntamente com o detalhamento do percurso metodológico. Para a interpretação do material produzido por meio das entrevistas, utilizou-se a técnica de Análise de Conteúdo, conforme os pressupostos clássicos de Laurence Bardin (1977).

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Mesmo diante das dificuldades enfrentadas ao longo de sua trajetória, o Museu Vivo sempre buscou fortalecer os vínculos entre universidade, escola e sociedade, atuando como um espaço de integração entre ciência, educação e cultura.

Contudo, permanece uma questão crucial: “quando o Museu Vivo voltará a oferecer, em seu próprio espaço, atividades educativas, culturais e de lazer, considerando que grande parte de sua estrutura física já não está mais disponível para tais fins?”. Em 2025, essa resposta ainda não pode ser dada.

Assim, revisitar e divulgar parte da trajetória histórica dessa instituição de educação não formal representa um ato de resistência — um esforço para manter viva a memória e o reconhecimento do Museu Vivo da Ciência e Tecnologia – Lynaldo Cavalcanti por suas contribuições significativas à formação científica e cultural da sociedade.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, E. C. Museu Vivo de Ciência e Tecnologia de Campina Grande PMCG. Mão na Massa Campina Grande PB. PROJETO ABC NA EDUCAÇÃO CIENTÍFICA MÃO NA MASSA. **Resumo das atividades mão na massa Brasil**. Estação Ciência. São Paulo, abr. 2004. p. 46–48.

ARAÚJO, E. C. **Elizabete Cristina de Araújo: depoimento** [abr. 2023]. Entrevistadora: X. Campina Grande, PB, 05 abr. 2023. O Museu Vivo da Ciência e Tecnologia Lynaldo Cavalcanti: Experiências e Contribuições à Formação de Professores de Física.



ARAÚJO FILHO, M. S. O Museu do Futuro: o Maior Parque da Ciência do Nordeste será construído em Campina e vai atender a todo o compartimento da Borborema. **Impressão**, ano I, n. 6, p. 14–16, Campina Grande/PB, jul. 1991.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.

BÉLANGER, C.; MEUNIER, A. Une approche muséologique de la visite scolaire au musée. **Caderno do GREM** – Groupe de recherche sur l'éducation et les musées, n. 19. Université du Québec, Montréal, 2011.

BOSENBECKER, V. P.; CERQUEIRA, F. V. Arquitetura vernacular narrada: as casas dos imigrantes italianos de Pelotas descritas por seus descendentes. **História Oral**, [S. l.], v. 27, n. 3, p. 161–183, 2024. DOI: 10.51880/ho.v27i3.1390.

CAMPINA GRANDE (PB). **Lei n.º 2.562, de 14 de dezembro de 1992**. Dispõe sobre a criação do Complexo de Capacitação Educacional e Museu Vivo da Ciência e Tecnologia de Campina Grande e dá outras providências. Prefeito Francisco Dantas Lira, 1992.

CAMPINA GRANDE (PB). **Moção n.º 734/2011**. Aprovada na sessão de 26 de setembro de 2011. Ementa: Requer Moção de congratulações pela reinauguração do Museu Vivo de Ciência e Tecnologia. 2011.

CARVALHO, M. J. F. **Discursos e imagens na cidade**: o processo de requalificação urbana de Campina Grande. 2011. 361 f. Tese (Doutorado em Sociologia) – Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2011.

CAZELLI, S. **Ciência, cultura, museus, jovens e escolas: quais as relações?** 2005. 260 f. Tese (Doutorado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2005.

ETER – ESCOLA TÉCNICA REDENTORISTA. **O prefeito Veneziano Vital do Rêgo assinou nesta terça-feira (2) Convênio de Cooperação Técnica e Financeira com a Escola Técnica Redentorista – ETER**. Campina Grande, 3 ago. 2011.

FIGUEIRA, C. V. S. **Formação inicial de professores de Física: o museu de ciências como espaço formativo**. 2019. 227 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2019.

GERMANO, M. G.; ALVES, E. de O. Ciência e arte na feira: relato de experiência. In: SOUSA, C. M. (org.). **Jornalismo Científico & Desenvolvimento Regional**: estudos e experiências. Campina Grande: EDUEP, 2008. p. 227–238.

GLOBO PLAY. Escola Técnica Redentorista encerra atividades no fim do ano, em Campina Grande. **Bom Dia Paraíba**, 08 nov. 2018. 1 vídeo (3 min 53 s). Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/7146864/>. Acesso em: 13 nov. 2022.

MARANDINO, M. Espaços não formais no contexto formativo. In: BARZANO, et al. (org.). **Ensino de Biologia**: experiências e contextos formativos. Goiânia, 2014. p. 169–180.



MARANDINO, M. Formação de professores, alfabetização científica e museus de ciências. In: **Divulgação científica na sala de aula: perspectivas e possibilidades**. Ijuí: Editora Inijui, 2015.

MEIHY, J. C. S. B. **Manual de história oral**. São Paulo: Edições Loyola, 2005.

MEIHY, J. C. S. B.; RIBEIRO, S. L. S. Guia prático de história oral. 5. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2011.

MELO, T. Redentorista – **A Escola Técnica de Campina Grande. InforETER. Agradecimento aos Parceiros**. Campina Grande, PB, v. 2, n. 1, out. 2011. Disponível em: <https://www.yumpu.com/pt/document/read/12972755/eter-escola-tecnica-redentorista>. Acesso em: 13 jan. 2023.

MUSEU VIVO DA CIÊNCIA E TECNOLOGIA LYNALDO CAVALCANTI. **Perfil do Museu Vivo**. Campina Grande, PB, 2011. Disponível em: <http://museuvivodaciencia.weebly.com/perfil-museu.html>. Acesso em: 16 abr. 2021.

MVCTLC. **Relatórios de visitação do ano de 2011**. Campina Grande, PB, 2011.

OVIGLI, D. F. B. **Os saberes da mediação humana em centros de ciências: contribuições para a formação inicial de professores**. 2009. 228 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2009.

OVIGLI, D. F. B. **As pesquisas sobre educação em museus e centros de ciências no Brasil: estudo descritivo e analítico da produção acadêmica**. 2013. 404 f. Tese (Doutorado em Educação para a Ciência) – Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências, Bauru, 2013.

PUGLIESE, A. **Os museus de ciências e os cursos de licenciatura em ciências biológicas: o papel desses espaços na formação inicial de professores**. 2015. 231 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

SANTOS, T. S. **Relação museu-escola: uma investigação das influências exercidas pela escola sobre as abordagens museais**. 2016. 94 f. Dissertação (Mestrado em Ensino de Ciências e Educação Matemática) – Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande, 2016.

SANTOS, T. S.; GERMANO, M. G. Relação museu-escola: influências da escola nas abordagens museais. **Caderno Brasileiro de Ensino de Física**, v. 37, n. 2, p. 971–1003, ago. 2020.

SCHWARTZMAN, S.; CHRISTOPHE, M. **A educação em ciências no Brasil**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

SIMÕES, L. C.; SANTOS, N. P.; OLIVEIRA, A. J. B. A Casa da Ciência e os desafios de um centro cultural de divulgação científica na Universidade Federal do Rio de Janeiro.



História, Ciências, Saúde – Manguinhos, Rio de Janeiro, v. 28, n. 3, p. 745–760, jul./set. 2021.

